

SESSÕES DO PLENÁRIO

30ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 19 de junho de 2017.

PRESIDENTE: DEPUTADO BIRA CÔROA (AD HOC)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial em homenagem ao Dia de África, com o tema: o legado do povo iorubano no processo civilizatório brasileiro.

Esta sessão faz parte de um ciclo de eventos que ocorre nesta Casa desde 2007. A proposição é do deputado Bira Corôa.

Neste momento, quero convidar para compor a nossa Mesa a Drª Fabya Reis, secretária de Promoção da Igualdade Racial; o professor e assessor Jailson Rodrigues, representante do Sr. João Carlos Salles, reitor da Universidade Federal da Bahia; a Srª Major Aline Araújo, representante do comandante Carlos Hassler, da Escola de Formação Complementar do Exército; a Srª Vanda Machado, professora; o Sr. Gabriel Teixeira, gestor da Coordenação de Acompanhamento a Egressos, representante da diretora da Fundac, Regina Affonso; a Yalorixá Mãe Diana de Oxum, representando o Terreiro Egbé Axé.

Neste momento, assistiremos à apresentação cultural de dança com Américo Egídio Souza.

(Apresentação cultural de dança.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Nós agradecemos a belíssima apresentação realizada nesse exato momento, abrilhantando, acima de tudo, a abertura dessa Sessão Especial. Mais uma vez, agradeço a Américo Egídio Souza pela contribuição e parceria, mas acima de tudo por utilizar a arte da dança para expressar a nossa própria identidade.

O Sr. BIRA CORÔA:- Quero, neste exato momento, fazer uma breve fala, na condição de proponente, para reafirmar que essa é a 10ª edição do Dia de África realizada nesta Casa.

A história nos diz que não é apenas lembrar, mas afirmar as celebrações e comemorações, trazendo para o tempo presente o papel e a importância de transformação e de realizações que, no passado, ocorreram a partir de manifestações e movimentações, de capacidade de organização, de disputas e conquistas.

Por isso que o Dia de África é um dia estratégico e importante para a humanidade. Não apenas para os afrodescendentes, mas para toda a humanidade, porque a perversidade implementada por uma sociedade de domínio foi tamanha que ela fez questão, e ainda o faz, de passar para o olhar e a compreensão do mundo a

África como um pedaço de chão isolado, sem expressividade, identidade, cultura e, acima de tudo, num processo de depreciação e desvalorização.

O Dia de África surge pela organização de reafirmar a contribuição dada pelo continente africano na formação de todas as sociedades do mundo. Nasce numa perspectiva de, na África, quebrar paradigmas e lutar pela democracia e pela afirmação de sociedade mais justa e mais igualitária, reafirmando conquistas, mas assumindo desafios.

Quando nos referimos à África, no geral, nos reportamos aos quadros trabalhados de forma intencional pela mídia, aos quadros trabalhados de forma muito intencional da interdependência ou da inexpressividade. Quando tratamos da África, olhamos sempre para uma sociedade ainda na condição subdesenvolvida ou não desenvolvida. Na consequência disso ou na contramão desse processo, surge uma proposição de unir representantes africanos numa organização da União Africana, que define o dia 25 de maio como o dia estratégico para fazer o enfrentamento aos regimes autoritários do continente africano.

Dez anos após, a ONU reconhece esse dia como dia internacional. E, a partir daí, o mundo passa a celebrar o dia 25 de maio como o Dia de África. Um dia de fazermos reflexões, de apresentarmos estratégias e ações para reconhecer e conduzir o continente africano ao seu papel de destaque.

Nesta Casa, eu quero no dia de hoje, inicialmente, agradecer. Agradecer aos pares desta Casa em nome do Líder do Governo, deputado Zé Neto, e em nome do Líder da Oposição, porque ambas as bancadas tiveram a compreensão e a cumplicidade de nos permitir, no dia de hoje, suspender uma sessão ordinária desta Casa para realizarmos uma sessão especial, que é a da celebração do Dia de África. Esta sessão ocorreria no dia 25 de maio, na data exata da comemoração, mas por uma questão pessoal de saúde nós tivemos que adiar. Os pares desta Casa, sem nenhum questionamento – ao contrário, com apoio e determinação –, nos permitiram realizar no dia de hoje, quebrando, posso dizer, o rito desta Casa, de esse Plenário, de segunda a quinta-feira, ser exclusivo para as plenárias ou sessões ordinárias. Então eu quero, antes de mais nada, fazer esse agradecimento.

Quero dizer que em 1972, quando a ONU reconhece o Dia de África, abre a perspectiva do debate no plano internacional. E o Brasil, signatário desse processo, consegue trazer para o debate muito tardiamente, porque esse debate entra no Brasil, exatamente, a partir da gestão do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva. É bom que a gente possa fazer essa pontuação: que o Dia de África passa a ser celebrado no Brasil exatamente quando a condução desse País se dá por alguém que acredita na democracia e que defende, acima de tudo, integridade e construção de unidade no processo político de respeito e valorização de todos os setores.

É exatamente a partir daí que, em 2007, esta Casa entra também no cenário, colocando a Bahia no contexto de celebrar o Dia de África. Na primeira celebração desta Casa foi apenas uma sessão especial realizada neste mesmo Plenário. A primeira de uma série. Logo em seguida, 2 anos depois, essa sessão saía desta Casa e adentrava outros espaços, sendo realizada em diversos municípios. E esse ano o Dia

de África foi celebrado em todos os territórios de identidade do Estado da Bahia. E isso é importante ser pontuado. E essa sessão, ou conjunto dessas ações, permitiu que o governo da Bahia também reconhecesse o Dia de África como um dia de celebração e de comemoração.

E a partir da Lei 10.693, sancionada este ano, podemos celebrar o Dia de África como o dia de reconhecimento da Bahia. Então, o dia 25 de maio passa a ser um dia do calendário oficial da Bahia e, consequentemente, o Estado assume a obrigatoriedade dessa celebração. É uma conquista importante, porque tratarmos, nesta Casa, sobre o legado construído ou deixado pelas civilizações africanas na consolidação das civilizações brasileira e baiana é fundamental para compreendermos a nossa própria existência e a nossa identidade acima de tudo. Fico muito satisfeito quando tenho numa sessão como esta a presença da juventude, dos estudantes oriundos das escolas públicas do nosso Estado, dos nossos municípios, porque a partir daí poderemos dar, de fato, passos significativos para reeditar a nossa própria história, corrigindo assim as deformações que a história escrita por brancos, elitistas e exploradores. Não fomos incluídos na história que estamos vivenciando.

Há pouco, com a Lei nº 10.639, passamos a ter um instrumento legal de obrigatoriedade para que o ensino da cultura africana seja tratado no contexto da educação. Mas ainda não conseguimos sua implementação por uma série de questões, entre elas, a falta de compromisso político e as resistências e as amarras ainda presentes.

E é muito interessante quando trazemos para este cenário de debate, de discussão o legado civilizatório de origem africana. E hoje, nesta sessão, peço até licença aos nossos ancestrais para falar dos iorubanos, que trouxeram para este Estado e para o Brasil uma contribuição significativa da nossa verdadeira existência.

Quando falamos desse legado não falamos apenas da cultura; estamos falando também da cultura. Não estamos falando apenas dos hábitos e costumes; estamos falando também dos hábitos e costumes. Estamos falando do vocabulário, estamos falando da capacidade e do conhecimento na metalurgia, estamos falando na formação da nossa própria identidade. E aí, não me alongando mais, quero dizer que quando usamos o termo axé, estamos adotando ou pelo menos desejando a força que vem lá da África como contribuição.

Utilizamos na culinária, nos hábitos cotidianos ou mesmo no cumprimento das obrigações religiosas o bolinho de feijão, tão conhecido como acarajé, também estamos falando do acará, do abará. E também falamos do bobó de camarão, da cocada, do doce de banana.

Poderia também percorrer a tarde inteira sobre as contribuições nas artes. A Bahia e o Brasil começam a se modular a partir dos metais, com conhecimento e capacidade de artesãos africanos de origem. Sem dúvida alguma, o mundo inteiro referenda esse conhecimento e essa capacidade.

Poderia encerrar dizendo que nenhuma civilização do mundo foi tão capaz de transferir conhecimento pela oralidade; nenhuma outra teve tanta capacidade de sobreviver à discriminação e à repressão. E isso não aconteceria sem os ensinamentos

e a capacidade de condução e de gestão da Mãe África, que veio através dos nossos ancestrais que aqui chegaram na condição de escravizados, na condição de despatriados e “desfamiliarizados”, mas que foram capazes de manter a estrutura presente da organização familiar e tiveram a capacidade de conviver com as discriminações e perseguições no contexto religioso, com o sincretismo religioso, convivendo com a religião de domínio mesmo tendo todos os resquícios de uma Santa Inquisição instalada como instrumento de perseguição e destruição.

Para não ir além, basta dizer obrigado, mãe África, por todas as contribuições, mas, acima de tudo, pela existência da Bahia como o Estado brasileiro tido como o mais negro fora da África, o Estado que mais preservou e mais absorveu os ensinamentos que nos encaminharam.

O dia de hoje é de grande celebração para esta Casa, para o nosso Estado, mas, acima de tudo, é um dia de reconhecimento de negros e negras que doaram sangue, suor, lágrimas e vidas, para que hoje a Casa Legislativa maior do Estado, a nossa Assembleia pudesse celebrar um ato, como estamos fazendo hoje, e que o nosso Estado, através do seu Executivo, governo do Estado, pudesse reconhecer o papel e a importância do Dia de África para a Bahia e para o Brasil.

Só tenho a agradecer àqueles que, por uma série de fatores, não puderam celebrar com a gente este dia tão importante.

Obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

Quero convidar para compor a nossa Mesa a Sra. Presidente da Associação de Mulheres Quilombolas do Tabuleiro da Vitória, de Cachoeira, Bahia, Sra. Maria de Totó. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Convido, neste momento, para proferir a palestra, nossa contribuidora, professora Vanda Machado.

A Sr^a. VANDA MACHADO:- Boa-tarde a todas as pessoas presentes.

Quero saudar a Mesa na pessoa do deputado Bira Corôa; quero saudar os nossos ancestrais na pessoa da Mãe Diana.

Quero dizer uma coisa. Quando vocês saíram dali de cima, eu tive medo que fossem embora. “Será que eles vão embora?” Eu tinha preparado um papel para falar coisas para gente mais velha e para gente mais jovem também. Mas aí eu perdi ou deixei em casa e, por isso, resolvi falar para vocês. Não tenho mais aquela porção de papéis que eu deveria ter nas mãos, só tenho isso aqui e essa energia bonita que vocês estão deixando circular neste lugar. Talvez este seja um dos lugares mais sérios da Bahia. E precisa ser sério mesmo, porque é daqui que saem as leis que organizam a vida social e política deste Estado. Então, obrigada por não terem ido embora, está todo mundo aí, ótimo!

Sempre que vou falar em público – tenho minha mãe que não é a biológica, a minha mãe de santo –, pergunto a minha mãe: “Eu não sei como vou começar a conversar hoje, como vou começar essa fala?” Não perguntei desta vez porque hoje a

minha mãezinha está acamada, mas um dia eu perguntei e ela disse: “Olha, quando tiver que falar de nós, da África, da história africana, do continente africano, não precisa ir muito longe, você pensa em nós. Pense em nós povo negro, em nós daqui do terreiro. E daí, com certeza, você vai passar uma mensagem correta para as pessoas”.

Acreditei nisso. Acreditei e disse a minha mãe que ia fazer a palestra; depois fiquei sem vontade de fazer, com um certo medo, até porque, na realidade, quem deveria fazer era ela. Isso foi em outro tempo, mas ela mandou que eu fizesse.

Eu voltei lá e disse: “Está bom, minha mãe, mas converse um pouco comigo”. Ela tem uma varanda que dá para um iroco... Vocês sabem o que é um iroco? É uma planta grande, muito grande, forte – em alguns lugares chamam iroco; em outros, chamam de tempo. Ela tem raízes profundas, é larga.

Pois bem, minha mãe me mostrou a janela e disse: “Olhe aquele iroco. Se você olha aquele iroco, você pode começar a pensar em nós”. Eu pensei: “Mas como ela quer que eu pense em nós a partir do iroco?” Ela continuou: “Você está vendo que o iroco tem umas raízes fortes, frondosas?” Respondi: “Estou vendo”. Ela disse: “Perceba como essa raiz está fixada no solo”. Olhei. A raiz era larga, grande, forte, mas ela estava cravada no solo de uma maneira impressionante. Quando vocês estiverem diante de uma árvore muito grande, olhem as raízes. E aí ela prosseguiu: “As raízes são os nossos ancestrais. Aqueles africanos que vieram na frente, há muitos e muitos anos, e não estão mais aqui, mas estão aí no solo, assim como nossas raízes”.

Depois ela disse: “Olha para o tronco daquele iroco”. O tronco do iroco é largo, tão largo que parece que são vários troncos juntos. Ela continuou: “Aquele tronco do iroco somos nós, e nós precisamos estar muito juntos para sermos fortes. Na verdade, nós dependemos das raízes e da terra que segura as raízes deste iroco. Se nós estamos juntos, fortes, precisamos estar cada vez mais juntos de verdade. Porque são os troncos que sustentam os galhos. Todos os galhos de uma planta são sustentados pelos troncos, mas o tronco está sustentado na raiz e na terra”.

Aí eu perguntei: “E esse tronco?” Ela respondeu: “Digamos, são os mais jovens. Esses mais jovens recebem a força da terra, dos troncos. Como galhos, nós precisamos cuidar dessa planta, porque desses galhos vão sair as flores, os frutos e as sementes”. Eu disse: dos galhos devem sair as flores, os frutos e as sementes – as sementes. E olhem que o iroco é uma planta interessante, ela nasce aqui, mas é bem capaz das raízes irem por baixo da terra, e de repente ter outro iroco lá no outro quintal, lá bem longe. Às vezes, é incrível, porque os pássaros levam as sementes para cima dos telhados, e acima dos telhados nascem outros irocos. Se a gente reparar, assim, tipo, na Praça Dois de Julho tem irocos, e vocês podem reparar que em cima das casas também tem mudinhas de iroco nascendo.

O que é que significa isso se a gente pensa: por que ela vai gastar uma tarde inteira para contar uma história de árvores? É porque está difícil a gente conversar hoje, né? Porque é tanta insanidade, que a gente fica preocupado até: o que é que eu vou falar? Mas isso significa que nós, os adultos, principalmente neste momento do

Brasil, onde tudo é muito difícil, onde cada pessoa pensa uma coisa, onde o Brasil está dividido em partidos e mais partidos, brigas e mais brigas, dinheiro e mais dinheiro espalhados... Só me resta pensar que nós, adultos, precisamos estar juntos e fortes como o iroco.

O iroco é forte exatamente porque ele depende de uma ancestralidade, nós temos uma ancestralidade negra muito forte. Imaginem que os nossos ancestrais foram sequestrados, vieram num navio negreiro, separados, família por família, nenhuma roupa no corpo, nada! Cada um dos nossos ancestrais chegou aqui como sujeito nu e essas pessoas conseguiram se juntar e formar uma família, e essa família somos nós todos.

Você não tem a menor ideia se pertence à mesma etnia que eu, nem eu, se pertencço à sua. E se for? E se for? E se você estiver no mesmo tronco que eu estou? Imaginem, com qualquer um de nós pode acontecer isso, com qualquer um de nós, qualquer um de nós pode ser irmão do outro. Então esses troncos que somos nós, os adultos, tem que estar juntos para nos fortalecer e poder cuidar desses galhos, que precisam ser galhos vigorosos, saudáveis, capazes de sustentar as flores, os frutos e as sementes.

A minha vida não termina aqui, a vida de nenhum velho termina aqui, a semente fica. A semente é minha filha, meu neto, meu bisneto, somos todos nós. Todos nós, troncos, precisamos estar absolutamente juntos e tentar não ser muito diversos naquilo que pensamos. A gente não pode pensar de maneira homogênea – todo mundo aqui pensa a mesma coisa, não, não é –, mas todo mundo tem a obrigação de pensar no bem desta Nação. E pensar o bem desta Nação significa pensar no bem de vocês. Vocês sabem que são vocês que cuidarão de nós?

O meu médico é tão velho quanto eu, uma hora dessas vou eu, e vai ele, e vou precisar ser cuidada. Quem quer ser médico aí? Ninguém tem coragem de ser médico, por quê? Qual o problema? Bota força no teu sonho que ele se realiza. E de hoje em diante, até vocês chegarem em casa, e de vez em quando, por favor, pensem: qual é o meu sonho? O seu sonho vai ter que se transformar em projeto de vida senão não faz sentido você estar caminhando todo dia para a escola, carregando livros, cadernos, escutando professor – que as vezes é um pouquinho chatinho professor, eu sou – para nada. Não, você tem que ter um projeto de vida, e neste projeto de vida, uma meta. A minha meta é estudar todos os dias, a minha meta é escrever pelo menos oito frases todos os dias. Tem que ter meta e nós, os troncos, não estamos aqui para termos sementes perdidas, ninguém está. Nós esperamos tudo de vocês como galhos vigorosos, que estão ligados aos troncos e que estão ligados às raízes, que são as nossas ancestralidades que vieram em situações horríveis, mas que deram frutos assim como nós. Então, a meta de vida será da sua escolha e, não recebam qualquer coisa que deem a vocês, porque o governo acha bom, alguém acha bom. Você tem que fazer uma escolha. Entenderam que têm que fazer escolha? Escolha para ser feliz. Quando a gente gosta do que faz é como se a gente não trabalhasse, pois a gente gosta da coisa que faz.

Para terminar, eu vou contar mais uma história. Essa que eu contei é de verdade, aconteceu comigo e a minha mãe. Nós somos troncos, que estamos presos

uns aos outros, ou estamos juntos, ou então não temos que escolher. Vamos escolher o que? Cada um vai escolher o seu? Pelo menos nesse momento temos que escolher para que lado nós vamos, que governo é que nós queremos, que democracia é que nós queremos, que profissão é que nós queremos, como é que vamos escolher essa profissão, porque as vezes nos dizem: “Você vai ser jornalista”. E você, sim, eu vou ser jornalista, e se essa não for a sua você termina não fazendo nem jornalismo, nem coisa nenhuma.

Mas a história é a seguinte: conta-se que um senhor tinha terras e tinha bastantes empregados, mas sabe o que é uma pessoa ruim para seus empregados? Ele era muito ruim para os seus empregados! Ele explorava, não pagava e um dia um empregado olhou para o outro e disse: “Olha esse cara está enrolando a gente, ele está maltratando a gente. E não adianta a gente ficar conversando um com outro, vamos nos juntar e vamos lá falar com ele.” Eles se juntaram, se fortaleceram e foram lá conversar. Quando chegaram lá ele disse: “Olha, eu já tinha percebido isso, e de hoje em diante vocês não vão mais precisar reclamar comigo, porque eu vou dar para cada um sua terra, cada um vai ser de sua terra e eu vou dar os grãos para vocês plantarem, eu vou dar os grãos para vocês. E eles: “Bacana, vou receber terras e vou receber grãos, para quê coisa melhor?” Só que o perverso deu os grãos torrados. Primeiro ele torrou os grãos, torrou, torrou e entregou: “Olha aqui a cada o seu saco de grão”. Todo mundo recebeu e foi plantar. Ele botou um vigia para todo dia olhar para a plantação não brotar. Ele chegava e perguntava para o vigia: “O abadô brotou?” Abadô é milho em iorubá. E o vigia fazia: “Abadô não brotou”. E esse milho não brotava nunca. Deixe lá que Exu ficou sabendo disso.

Exu é uma entidade que tem gente que rejeita, mas isso aí é outra história, não tem nada a ver. E ele disse: “O quê? Ele enganou os trabalhadores, esse sujeito enganou os seus trabalhadores, não vai ficar assim”. Mas como lutar se ele era uma pessoa tão forte, como lutar contra aquele sujeito? Mas, aí, ele teve uma ideia. Foi para a praça e quando ele chegou na praça começou a brincar, a pular, ele transformou o dia em noite, ele fez boi cacarejar, fez galo dançar, ele fez horrores. E aí o povo foi saindo para a praça, saindo todo mundo. E saiu também o vigia das terras plantadas.

Exu, então, mais rápido do que a luz, arrancou todos os grãos secos, entregou grãos férteis, e eles plantaram rapidinho, e foi embora novamente para a praça. Quando chegou na praça, parou, descansou, e quando foi no dia seguinte que ele foi olhar a plantação, nunca se viu plantação mais linda do que aquela plantação.

Reparem que a gente não pode receber qualquer coisa e achar que é legal. A gente tem que olhar, é legal mesmo isso que estão me dando? Isso vale para alguma coisa que não é legal a gente usar, mas que alguém oferece. Não quero, não vou, não é assim. E isso vale para uma pessoa que pensa que se aposentar aos 95 anos, senta lá na frente da câmara, não, tem que ser assim mesmo, a gente se aposenta mesmo... faz um discurso que outra pessoa deu para ele fazer e ele faz, e ele se perde. A gente não pode receber nem materialmente.

A única coisa que a gente troca por dinheiro é trabalho honesto. Nem coisa que parece que vai divertir a gente e vai – aqui para nós – lenhar com a gente, e a gente

não pode ouvir tudo que tem na televisão e que dizem a gente que é bacana, que vai ajudar na vida da gente, e não vai ajudar. Só porque eu vi o outro bater panela, eu também vou bater panela? Imagine.

Então, o que eu queria mesmo dizer para vocês – desculpem-me os adultos, os mais velhos, me desculpe a Mesa, mas eu me interessei mais em falar com vocês – é que nós, os troncos, que estamos todos aqui juntos, reunidos e pensando em vocês, queremos muito que vocês sejam felizes; queremos muito que vocês tenham sempre essa possibilidade de se juntar para escolher aquilo que é bom para vocês. Que vocês possam sempre ter o seu projeto de vida, o seu jeito de organizar a sua vida futura, porque vocês vão deixar sementes e porque vocês vão cuidar de nós.

Então, muito obrigada por vocês me escutarem. Muito obrigada e sejam felizes. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Quero aproveitar e convidar para compor a nossa Mesa a vereadora Marta. (Palmas)

Neste momento, quero passar a palavra a Lindinalva de Paula para que registre as presenças.

A Sr^a Lindinalva de Paula:- Boa-tarde a todas e a todos; a benção às minhas duas ebomis da Mesa: a professora Vanda e a Diana. É bom ouvir Vanda Machado, não é? A gente fica energizada, a gente escuta. Ela diz tudo de uma maneira tão divina que vocês vão levar Vanda pelo menos por uns 300 anos. Isso é muito bom.

Quero registrar e agradecer a presença do professor e diretor Diógenes Ribeiro, da coordenação e dos alunos do Colégio Estadual Sete de Setembro. Agradecer também, na pessoa da vice-diretora Cláudia Virgínia, aos coordenadores, professores, alunos e alunas da Escola Municipal Cidade de Jequié. Na pessoa da professora Lucineide Santos, agradeço aos outros professores, à direção, aos alunos e alunas do Colégio Estadual Nelson Mandela. Agradeço a Maria da Conceição e às outras mulheres da Rede de Mulheres Negras do Estado da Bahia; a Sr^a Quele Santos, presidente da ONG Mulheres de Cajazeiras; a minha irmã Erica Capinan, coordenadora de Educação para a Diversidade da Secretaria de Educação do Estado; a minha irmã Tânia Bárbara Nery, da Associação de Baianas, que está muito bonita ali, com um torso divino; a minha irmã Celina de Almeida, secretária da Associação Egbe Axé da Bahia; a Maria Rita, representando o Grupo de Amigos de São Francisco de Assis; a Cristiane Armede, da Coordenação de Egressos da Fundac; a professora, amiga, parceira e irmã Régia Ribeiro, do Colégio Estadual Ruth Pacheco; à estudante da Unilab, Leila Ingrid Pereira; a Gilson José; a Diana Margarida, do Terreiro Pilão de Prata; a nossa companheira, representando aqui Camaçari, Linda Baido; a Emilene; a Ialorixá do Ilê Axé Omin J'oba, Mãe Helenice; a Erivaldo de Brito, também do Ilê Axé Omin J'oba; a Gildete Batista; a Ana Carolina e Claudia Ribeiro, da assessoria do deputado federal Robson Almeida.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Aproveito também para registrar a presença do vice-prefeito de Caldeirão Grande, professor Carlos, que está aqui presente.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Concedo a palavra ao Sr. Gabriel Teixeira.

O Sr. GABRIEL TEIXEIRA:- Agô. A gente está falando de África, e eu preciso compreender que não posso emitir nenhum som sem antes pedir “agô” à minha ancestralidade. “Agô” significa licença. E peço “agô” a Exu, orixá da comunicação, porque, em nome dos orixás que nos trouxeram de África, precisamos compreender que chegamos e preservamos a vida até aqui.

Aqui representando uma política do Estado da Bahia, nobre deputado, eu queria pedir licença e saudar a todos os presentes na pessoa da Mãe Elenice, ialorixá, a quem eu peço a bênção, compreendendo que as mulheres têm papel e função fundamental na preservação da história de África e na construção das políticas públicas do nosso país.

No momento em que falamos de celebração pelo Dia de África, precisamos compreender que todos nós homens só ocupamos qualquer espaço hoje no cenário político e na construção das políticas públicas, porque antes de nós houve mulheres que lutaram, que nos nutriram em seus ventres, assim como Oxum, a Iabá, a ialorixá a quem se atribui a fecundação e o matriarcado, outras mulheres assim como África nos cuidaram. Assim como a Virgem Maria, na crença cristã, foi usada como exemplo para construir uma sociedade, a gente precisa compreender que as mulheres – e aí a Mãe África precisa ser compreendida na referência.

Atuo hoje como psicólogo numa instituição do governo do Estado, e é muito importante, deputado, termos aqui vários adolescentes presentes, porque hoje estou à frente de uma atividade dentro do Estado, junto com a minha equipe, onde nós cuidamos de adolescentes. Nós pensamos, a Fundac tem essa função, todos os componentes dessa Mesa, e vocês têm a plateia, nós temos a função de cuidar de adolescentes e jovens que precisam ressignificar as suas trajetórias. Quando pensamos nas políticas públicas voltadas para crianças e adolescentes e jovens adultos, precisamos compreender que não podemos construir nada sem a presença de vocês que estão aqui na plateia. Compreender que a política sobre jovens, crianças e adolescentes precisa ser construída com a participação efetiva de vocês. Acho que vocês já devem ter ouvido em algum momento falar de algum colega da sua comunidade que, infelizmente, por algum ato infracional, foi privado da liberdade por uma determinação legal. Alguém aqui já ouviu falar da Fundac? Quem já ouviu levanta a mão. (Alguns adolescentes levantam a mão.) É aquela instituição que cuida das medidas socioeducativas. O que é uma medida socioeducativa? Um adolescente vem a cometer algum ato que é proibido legalmente e ele pode vir a sofrer uma sanção prevista pela legislação e ser privado de liberdade. Aqueles que são privados de liberdade são tutelados pelo Estado e eles precisam ser assistidos pelo Estado numa proposição de ressignificar as suas trajetórias.

Poxa, Gabriel, que relação isso tem com o Dia de África?!

Lá no período em que fomos arrancados de África, fomos colocados num espaço e privados da nossa liberdade. Isso ocorria porque alguns grupos sitiavam outros grupos e vendiam aqueles grupos como produto. Hoje em dia, como a professora Vanda disse aqui, existem algumas coisas que estão sendo oferecidas a vocês que não são as coisas mais agradáveis e que não os levam aos melhores caminhos. Infelizmente, neste momento, precisa haver a intervenção do Estado. Como intervir no sentido de defender os direitos dos adolescentes e crianças? Na Fundac trabalhamos com adolescentes, e como temos aqui adolescentes, vocês precisam compreender o seguinte: precisamos discutir sobre socioeducação com vocês, porque a história de África é muito similar à de hoje. Existem pessoas, existem grupos, existem ideais que contrariam o direito de liberdade e contrariam a possibilidade de construirmos uma realidade diferenciada. Afinal de contas existem pessoas que pensam em escravizar jovens por seus ideais mais egoístas, e precisamos, como a professora Vanda colocou, que vocês e nós adultos pensemos formas diferenciadas de cuidar dessa questão.

Então, qual é a minha provocação? No momento em que pensamos a realidade do povo negro, o povo oriundo de África, professora, as ialorixás que estão aqui, as ebomis, e as pessoas que também não são do candomblé e seguem outras, precisamos pensar conjuntamente como nós, movimento social, como nós, sociedade organizada, vamos dar conta dessa questão para que não tenhamos mais pessoas privadas de sua liberdade, como fizeram com nossos irmãos trazidos de África.

Vocês, adolescentes e jovens aqui presentes, têm a função de nos auxiliar a cuidar do futuro de vocês. Há uma máxima, um lema no movimento de pessoas com deficiência que diz assim: “Nada sobre nós sem nós”.

Então, querida vereadora Marta Rodrigues, aquele diálogo que já viemos construindo há um tempo, precisamos pensar na cidade do Salvador e no Estado da Bahia políticas para adolescentes que possam fortalecer a luta dos nossos ancestrais que vieram de África, pela liberdade de pensar, pela liberdade de construir, pela liberdade de viver como a professora colocou, como uma grande árvore de Iroko em que cada um segue o seu caminho, mas que sustenta um único ideal de humanidade livre, capaz de construir a capacidade conjunta de vida.

Então, dentro da nossa lógica da socioeducação, a gente tem sempre um pensar: ou nós construímos coletivamente ou não vamos dar conta. Porque a Assembleia Legislativa, esta Casa, aqui, deputado, ela não vai dar conta se os Poderes Executivos, compostos de governadores, prefeitos, presidentes, ministros, secretários, não se juntarem todos para construir uma sociedade diferenciada.

Então, vocês precisam bater na porta, ocupar o espaço de vocês na construção da política pública. Se nós temos hoje a capacidade de termos aqui, nesta Casa, a Casa do Legislativo, a Casa do Povo, uma sessão especial para falar do Dia de África é porque o movimento negro lutou para isso. Concorde, deputado? Foram anos, anos e anos, décadas e séculos de lutas do povo negro, que antes era escravizado e que, hoje, não aceita mais a escravidão.

Então, o Governo do Estado nos convoca para que possamos auxiliar ao Executivo e ao Legislativo, querida secretária da Promoção da Igualdade Racial, na construção de um sonho que também era o sonho de Dandara, de Maria Filipa, de Acotirene e de tantas outras mulheres que vejo aqui representadas em nossa major. Mulheres guerreiras que foram capazes de enfrentar todo um machismo, toda a perversidade do sexismo e conquistar um espaço na sociedade para que homens como eu e como o nosso deputado pudessem ter direito à fala. Mulheres que lutaram e que esperam de nós, homens, a luta por mais direitos.

Então, provoco vocês, jovens e adolescentes, a participarem da construção da política pública. A Fundac se coloca à disposição de vocês para construirmos uma realidade diferente.

Eu atuo dentro da política pública... Só para concluir. No Pelourinho existe um lugar chamado de Coordenação de Acompanhamento a Egressos, que todos vocês, adolescentes e jovens, são convidados a conhecer, para contribuir, e para nos convidarem a irmos às comunidades de vocês falar sobre isso. Porque depois que o adolescente sai de lá, ele precisa de acompanhamento. Precisa que em suas comunidades ele seja acolhido com oportunidades e sem preconceito, porque o preconceito talvez seja tão torturante quanto o navio negreiro.

Agradeço a todos vocês, parabenizo o nobre deputado pela sessão e nos colocamos juntos com a nossa ancestralidade de África para construir uma sociedade diferente.

Parabéns às mulheres que resistiram até aqui. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Quero, neste momento, também registrar, e agradecer, a presença do deputado Marcelo Nilo, que aqui esteve. Veio nos dar um abraço muito forte, pois também está com uma outra agenda. Ressalto que o deputado Marcelo Nilo, quando esteve na condição de presidente desta Casa, fez uma gestão de muita importância, porque implantou a democratização desta Casa e nos permitiu o direito de acesso.

A primeira sessão do Dia de África realizada nesta Casa teve a cumplicidade e a participação ativa do deputado Marcelo Nilo, assim como uma série de sessões que foram realizadas, nove sessões, durante sua regência como presidente desta Casa.

E também destaco a contribuição do atual presidente, Angelo Coronel, que em igual condição tem praticado aqui o direito de permanência de todos, criando assim uma condição para esta Casa, de fato, ser um espaço de representação da sociedade baiana, é bom que a gente possa destacar.

Também quero aproveitar para registrar a presença do nobre deputado Angelo Almeida, (palmas), dizer que ele chega nesta Casa, também, dando uma contribuição importante. Tenho dito, sempre, que essa luta não pode ser de um único guerreiro, é uma luta de um exército de enfrentamento, e Angelo tem trazido para esta Casa, também, proposições extremamente importantes do debate, da discussão e da formulação de uma sociedade mais justa, mais igualitária, tendo como lema a

igualdade, mas acima de tudo o direito de acesso a todos. Semana passada tivemos aqui uma sessão muito bem conduzida pelo nobre deputado, de inclusão das pessoas com deficiência, uma bandeira que tivemos sempre como significativa para a sociedade baiana. Então, quero agradecer, deputado Angelo, também pela presença e pela contribuição nesta fala, e durante as outras falas o senhor tem direito, também, de fazer uso da palavra a hora que achar necessário.

Neste momento vou passar a palavra a Mãe Diana de Oxum, que neste ato representa todo o povo de santo. (Palmas)

A Sr^a MÃE DIANA DE OXUM:- Eu peço agô. Agô mujubá. Agô mujubá, Exú. E pedir a benção aos meus irmãos aqui presentes, a minha irmã de axé e minha irmã de cabeça Elenice.

Estou quebrando o protocolo mesmo, ouviu, deputado? Porque estou falando como mulher de Axé. Eu cheguei aqui, quietinha, e fui pega de surpresa, e Lindinalva de Paula, equedi, me chamou para a mesa. Eu ouvi a nossa professora Vanda Machado conversando, falando, e Gabriel também. Eu disse: eu vim aqui ouvir, eu vou falar de África. Falar de África é falar de mim como mulher negra, como ialorixá, da nossa resistência.

Meu entendimento, como mulher negra, como resistência, é falar um pouco do meu trabalho, porque isso é resistência. Eu sou de Ilhéus, cheguei em Salvador e vim, na verdade, tentar fazer diferente, sou formada em pedagogia e queria, realmente, voltar a lecionar, fazer um concurso e lecionar, mas o meu orixá disse: “Não, você vai abrir um terreiro”. Onde vou abrir meu terreiro? Na Avenida Peixe. E eu disse: nossa, como eu vou abrir esse terreiro na Avenida Peixe? Eu não conheço ninguém, estou chegando aqui de paraquedas. Lá existiam várias mulheres negras, mulheres de axé implantando seus terreiros. Só que o orixá não me conduziu a isso.

Então, quando eu vejo vocês, jovens, aqui sentados, me impulsionam a falar um pouquinho de mim como mulher de axé, porque eu me vejo ... mulher de axé é aquela mulher que chega numa comunidade periférica, uma comunidade pobre, e abraça sua comunidade. Talvez façamos – não é, minha irmã? – o papel que o governo do Estado, governo federal e o município não fazem: nós acolhemos esse povo pobre, aquela massa rejeitada. Olhamos para os nossos jovens de escola pública e dizemos: resistam. Porque o sistema faz com que os nossos jovens, de escolas pobre, pública, não sejam nada, porque os outros, grandões, estão lá em cima.

E eu caí de paraquedas na Avenida Peixe e abri meu terreiro nesse local. Para mim era muito sacrificante, porque venho de um terreiro onde era família, no interior os terreiros eram fazendas, e nos ajudamos entre si, e nos agregamos. Eu vou fazer o que eu aprendi, o que eu aprendi foi ajudar.

A minha Ialorixá, a qual era também a minha avó sanguínea, que eram Raízes do Cantuá, ela me ensinou, claramente, que nós tínhamos que ajudar uns aos outros, como a nossa irmã Ebomi, Vanda Machado, falou: “ a união, o fortalecimento”.

E eu fiz isso, eu tentei fazer diferente. Eu comecei a abrir meu terreiro numa festa de Exú, abri com Exú e logo em seguida dei comida ao meu Orixá, mas eu disse que não queria fazer só isso, eu quero ser diferente. E fui cadastrando cada família

que ali existia. Sentava com aquelas mulheres para saber realmente quais as dificuldades que elas tinham, dificuldades essas que eram maridos inseridos no tráfico, filhos na mesma forma. E eu sozinha não podia resolver, fui buscar ajuda e não consegui essa ajuda nas políticas públicas dentro de Salvador.

Mas eu continuei resistindo a isso e, de repente, me deu um estalo: eu vou fazer um evento aqui no meu terreiro, tirar os atabaques, chamar as mães. E as mães vieram ao meu encontro e eu disse que a partir daquele dia todas as crianças de cada família – eu tinha mais ou menos 50 famílias no meu terreiro, dentro do barracão – iriam tomar aula ali comigo, banca pela manhã e pela tarde, e dia de sábado nós iríamos ter oficinas de aulas de dança. E fiz isso durante 10 anos dentro da minha comunidade.

Eu me orgulho muito, tudo foi com muita luta, com muita resistência. De lá eu agregava não só o nosso povo de axé, mas, também, toda a comunidade evangélica, budista, o que fosse, porque a necessidade da educação, a necessidade da saúde era fundamental. E aí eu descobri um órgão, dentro da Prefeitura, que abraçava essas causas da saúde, e aí eu comecei a fazer feiras de saúde, pegar alguns carros na José Silveira e trazer para a minha comunidade para superar essa carência que tínhamos dentro dessa comunidade, também voltando a atenção ao nosso povo de axé.

Eu comecei a observar a desunião do nosso povo de axé, infelizmente, e me preocupava muito com isso. E comecei a bater nos terreiros dos meus vizinhos, mas, infelizmente, os terreiros estão tão mal organizados que em cada pedacinho, em questão de quilômetros, é um terreiro aberto. Mas, tudo bem, e eu comecei a me preocupar com isso e nos terreiros eu dizia às pessoas para fazermos um calendário para que pudéssemos nos ajudar. E foi compreendido pelo nosso povo da Liberdade que isso era benefício para nós, como povo de Santo. Fiz um calendário, nesse calendário eu organizava todas as festas em todos os terreiros da Liberdade e dava tudo certo, porque eu batia na minha casa, mas também eu ia ajudar o meu do outro lado.

Então, é a ajuda, porque falar em África é lembrar como nós viemos, viemos nos Navios Negreiros, todos jogados, escorraçados, muitos resistiram chegar aqui no Brasil, outros não, mas nós nos refizemos. Como é que nos refizemos? Porque quando viemos de lá para cá a nossa essência ficou lá, mas foi recriada aqui no Brasil, os pratos típicos, as danças, toda a cultura. Como o nosso povo era inteligente! Como nosso povo é inteligente! E aí eu pergunto: o sistema faz pensar que o nosso povo é burro, não é? Mas o nosso povo é muito inteligente.

Então, falar de África é agregar, e eu falando de mim eu falo de África, pela minha resistência, como eu já repeti. E eu fiz essa agregação com nosso povo de Santo, fiz esse calendário, foi cumprido, mas chegou a hora que meu orixá pediu que eu saísse daquela zona de conforto, já estava confortável para mim estar na Liberdade, e fosse para o Cassange, onde é o meu terreiro atualmente. E assim eu fiz. Mas saí de lá e deixei uma associação formada, onde eu presido essa Associação de Terreiros, onde nós temos 280 Terreiros associados conosco. Hoje estou no Cassange presidindo também a Associação de Bairros do Cassange, e resistindo às resistências do poder.

Então, falar de África é falar de mulher negra, é falar de povo pobre, porque, infelizmente, pobreza tem cor: é a negra.

Obrigada a todos. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Concedo a palavra, para uma breve saudação, a Maria de Totó. Aqui ela também representa uma luta numa região estratégica do nosso Estado, o Vale do Iguape. A Bacia do Iguape é a região do Estado da Bahia que tem a maior concentração de quilombos reconhecidos.

A Sr^a MARIA DE TOTÓ:- Agô, Saluba, minha Mãe Nanã.

Não poderia falar de África sem falar de quilombo. Quero saudar a Mesa e parabenizá-la pelo grande evento. Eu digo grande porque não visa o presente, mas o futuro, porque os jovens são o futuro de amanhã.

Pois bem, eu sou Maria das Graças Silva de Brito, mas vos digo, eu sou Maria de Totó, só não sabe quem não quer. Mulher negra, quilombola que tem o samba no pé. Eu sou Maria de Totó e, assim como todos vocês, também tenho a minha história. Eu sou filha do quilombo do Tabuleiro da Vitória. Eu já fui marisqueira e trabalhadora rural. Eu já fui até doméstica aqui, nesta capital. Hoje, sou professora de Filosofia e também advogada, mulher que luta pelos direitos da comunidade quilombola discriminada. (Palmas)

O deputado falou no início, na abertura, que o negro que veio para cá, para o Brasil, escravizado, para que chegássemos a onde estamos ele derramou lágrimas, suor e sangue. De fato, foi. E eu vou mais além. O negro que aqui chegou escravizado, ele não só derramou lágrimas, suor e sangue, como ele alavancou a economia, com sua mão de obra escrava, a economia de um país, deu corpo e formação de um rosto, de uma cor negra, e deu um corpo a uma Nação chamada Brasil. Aqui, no Brasil, só existia índio, e com essa miscigenação, com essa complementação negra, a maioria, hoje, é negra. Então, a Nação é a Nação brasileira.

Senhores e senhoras, eu não poderia falar de África sem falar de quilombos. Quilombos de dois sentidos, do início, que era o lugar bem longe, bem distante, eu diria, das senzalas, dos canaviais, onde os negros escravizados se escondiam. E eles criavam e recriavam formas de sobreviver. E com a abolição da escravatura não se preocuparam de devolver esses negros que, por sua vez, tinham reis e rainhas que aqui também chegaram escravizados. Eram capturados e trazidos para cá. Ninguém se preocupou em devolver e nem fazer política inclusiva. Foi isso que aconteceu.

Cachoeira é o berço da escravidão, e ainda continua, por incrível que pareça. Mas vou falar da minha região, como o deputado falou, o Iguape, que é a minha área. Vou falar de 19 quilombos. Na verdade, são 21, mas vou falar de 19 quilombos.

Até 1988, a gente ainda pagava renda. Vocês sabem o que é isso? Somos remanescentes, filhos, netos, bisnetos dos escravos, e para viver naquela terra, que já foi do meu avô, do meu bisavô, a mulher tinha a obrigação de parir filho homem,

porque os homens tinham que pagar renda toda segunda-feira. Se paria muita mulher, eles ameaçavam tirar da terra.

Agora, para onde esse povo iria se não tinha outro lugar, se não veio de lugar algum, não sabia de onde veio, para entrar naquela história da família, se foi ali que todo mundo nasceu.

E com a Constituição Federal se proibiu essa história, ainda aquele regime de estar trabalhando de graça para os donos da fazenda; já podia botar porta de madeira, já podia botar telhado, que era de palha, já podia fazer casa de bloco. Mas poucos tinham esse direito, porque não tinha dinheiro, não tinha como mesmo...

Em 1988, temos um decreto, o ADCT 68, que autoriza a fazer um outro decreto, que autoriza as pessoas de quilombo a ter inclusão social. Ou seja, o governo cria meios para que as pessoas, que moram em áreas remanescentes de negros escravizados, sejam livres. O que é ser livre de fato? É o Estado chegar até ali e você se autodefinir como quilombola. Quem garante isso é um decreto do governo Lula, em 2003, que dá esse direito de nos definirmos como quilombo, registrar o quilombo na Fundação Palmares, pedir a titulação dessas terras, e, a partir daí, é que passamos a existir para o mundo. Foi isso que aconteceu com o nosso quilombo no Tabuleiro da Vitória.

Foi quando registramos, que começamos a jogar ofícios em tudo quanto é canto, até aqui na Assembleia Legislativa, para dizer que nós existimos, que estamos aí e queremos que os nossos jovens estudem, porque eles têm o direito de ser o que querem. Eles não precisam viver só do mangue e da roça. Eles podem saber fazer farinha, como eu sei, fazer azeite de pilão, ir mariscar. Mas também podem ensinar, advogar, ser médico, como a professora falou. Mas há uma coisa que os três falaram aí, que é a união.

A professora Vanda falou do iroco, lá no quilombo chama-se gamela, pé de gameleira, é muito resistente, é forte. Nós usávamos até pouco tempo; cortávamos as raízes para fazer a gamela e colocar para o porco comer. Antigamente, quem comia era o ser humano, porque não tinha onde comer, era ali mesmo naquele negócio grande. Colocavam o pirão de farinha com marisco para todo mundo comer junto. Eu já comi muito com meus irmãos ali dentro.

O primeiro passo num quilombo é agir coletivamente. As políticas públicas de inclusão não agem sozinhas. Eu, Maria das Graças, fazer alguma coisa para mim, não. O governo não faz e ninguém faz. Mas, sim, para a minha comunidade. E a gente tem que estar unidos sempre. Não é só nos quilombos, mas na sociedade também. Você só chega em algum lugar com o outro, porque já dizia Aristóteles que o homem não vive numa ilha. Você não vive só, você depende do outro. Mais que isso, é você se colocar no outro, é você ver em cada indivíduo você mesmo. Porque, hoje, vivemos num momento em que cada um só pensa em si.

Finalizo dizendo que vocês podem tudo, tudo o que quiserem, desde quando seja digno. Você pode tudo o que te eleve. Sonhem! Mas sonhem alto! Uma coisa digo a vocês: maior que o sonho de vocês, tem que ser o esforço, como a professora

falou ali. Para realizar um sonho tem que ter um esforço maior. Aí, sim, você chega em todos os lugares.

Muito obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Com a palavra a major Aline.

A Sr^a MAJOR ALINE ARAÚJO:- Boa-tarde a todos. Saúdo a Mesa, as minhas palavras serão breves. Sou professora do Colégio Militar de Salvador, sou major do quadro complementar de oficiais e o meu quadro tem como patrona a heroína baiana Maria Quitéria. Maria Quitéria foi uma sertaneja que se alistou para lutar pela independência da Bahia, para expulsar os portugueses daqui. Esses mesmos portugueses que, há pouco mais de 100 anos, trouxeram para cá os meus bisavós que atravessaram esse mar que está aí nesse painel. Então, foi a partir dessas mulheres. A mulher que luta pela independência do país e a mulher que luta para manter o traço de família. Eu, a exemplo dos outros, falo para vocês que estão começando, que são a nossa esperança, que são a nossa razão de trabalho, que se inspirem nisso. Lutem como Quitéria e cuidem dignamente da sua força de trabalho, como a minha avó fez. E é por isso que estou aqui hoje, porque a minha avó ensinou para a minha mãe, que ensinou para mim. Meu marido está ali hoje, porque a avó dele ensinou para a minha sogra, que ensinou para ele.

Muito obrigada a todos e muito obrigada a África. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Concedo a palavra a vereadora Marta Rodrigues.

A Sr^a MARTA RODRIGUES:- Boa-tarde a todos e a todas.

Queria saudar a Mesa saudando o deputado Bira Corôa pela realização desta sessão todos os anos aqui nesta Casa. É importante afirmarmos, em momentos como este, o nosso propósito e dizer por que estamos aqui nesta Casa. Fico feliz em ver a plenária lotada por jovens de diversas escolas da nossa capital que, hoje, com certeza, tiveram uma aula diferente. Uma aula de cidadania sobre a África, como trazer esse saber para o nosso dia a dia.

Peço desculpas aos que me antecederam, a professora Vanda e todos os demais, por ter chegado atrasada. Estava numa reunião, na Câmara, com os agentes da Transalvador que estão lá com um projeto pedindo a regularização da utilização de arma não letal para os agentes da Transalvador. Imaginem! O que isso tem a ver com a África? Tem tudo a ver. Porque afirmar a luta pela independência do continente africano contra a colonização europeia foi contra aquele regime que, hoje, permanece de outra forma, com outra linguagem. Ainda hoje estamos lutando bravamente para resistir, no nosso dia a dia, ao apartheid da luta anterior. Por isso que é importante, deputado Bira Corôa, parabenizá-lo e dizer da importância desta sessão. Porque África é tudo isso que estamos fazendo aqui e vamos fazer no dia a dia. Precisamos

celebrar esta data e trazer os objetivos que a união africana empreendeu para que, hoje, acontecesse a unidade, a solidariedade dos países africanos. E para que pudéssemos chegar nesse patamar em que estamos.

Então, esse nosso debate tem tudo a ver, porque quando falamos celebrar a África, estamos, também, celebrando esse momento de dificuldade e, também, de desmonte. Isso não vamos celebrar, temos que enfrentar. Precisamos ir às ruas. Uma outra situação difícil que estamos vivendo no país é este momento dos fascistas ocupando os espaços no Legislativo, a exemplo de Bolsonaro. Porque quando ele propõe trazer o debate da escola sem partido, a África lá atrás nos ensinou que escola tem que ter diversidade, tem que ser plural na sua concepção e na sua prática pedagógica. Nossa escola não se pode submeter a essa ordem. E foi isso que vimos esta semana. Uma escola particular em Salvador, o Colégio Anchieta – professora quilombola que muito bem nos representou aqui – fazendo um teatro do dia do mico. Trazendo o pior exemplo que pudemos trazer para um debate, que é representando nas roupas, na sua vestimenta, e fazendo aquele teatro do ku klux klan. Isso é negar a nossa história e estar afirmando, numa escola particular, que tem o lema de educar o cidadão, educar para a cidadania, e vai entender. Cadê a equipe pedagógica da escola que também não acompanha e não vê uma situação dessa? São muitas as ações que precisamos discutir nesse dia, deputado Bira Corôa, Dia de África.

Precisamos trazer essa questão atual do que estamos vivendo, que também é uma falta... esses fatos históricos que trazemos para a atualidade, como é a situação de Rafael Braga, que foi condenado por tráfico de drogas. Isso não podemos, de maneira nenhuma, aceitar. É também o caso dos jovens do Cabula, de Amarildo e outros. Poderíamos trazer, aqui, centenas de casos que estamos vivendo, e só celebrando o Dia de África e trazendo aquela realidade para os nossos dias para conseguirmos avançar.

Fico alegre, porque vejo os estudantes aqui. Tenho certeza de que vocês no dia a dia, na sala de aula, no debate... é por isso que nós não podemos concordar com essa dimensão – para concluir – do que é essa escola sem partido. Essa escola sem partido nega tudo isso. Nega que nós podemos discutir, na escola, qual foi o legado da nossa ancestralidade da África. Não podemos concordar com o que essa escola, esse modelo conservador, fascista, está querendo implementar.

Quem estuda na escola pública são os nossos jovens negros da periferia, pobres. É isso que eles querem. Querem que não tenham opinião, que não tenham pensamento crítico. Isso não vamos, de maneira nenhuma, concordar. Tenho certeza de que o deputado Bira Corôa e tantos outros aqui desta Casa também comungam com essa ideia.

Então, quero parabenizar, deputado, e também dizer que a Mesa tem muitas mulheres e só tem três homens. Isso é para vermos, como foi dito aqui por nossa mãe, que a África também está representada aqui por sua grande maioria de mulheres. Então, um forte abraço e vamos à luta, porque a luta é árdua. Não posso deixar de falar que, amanhã, às 15 horas, no Campo Grande, vai ter a nossa caminhada na rua: “Fora Temer” e “Diretas Já”.

Muito obrigada, Sr. Presidente.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Aproveito para registrar a presença de Edvaldo Trindade, representando o mandato da deputada Fabíola Mansur, e dizer que a deputada Fabíola Mansur também faz parte de um conjunto de deputados que defendem o direito de uma sociedade mais justa e igualitária.

Quero, nesse exato momento, conceder a palavra ao professor Jailson Rodrigues, representante do reitor, professor Carlos, que nesse ato representa a Universidade Federal da Bahia.

O Sr. JAILSON RODRIGUES:- Boa-tarde a todos. Muito horado e agradecido pelo convite, deputado Bira Corôa, parabéns pela iniciativa de estar fazendo com que a Bahia se comprometa com essa agenda, que é o Dia da África.

É importante dizer, obviamente, que falamos África como sendo um ser singular, mas na verdade são 55 países. Agora, recentemente, o Sudão do Sul passou a existir. Então, na verdade, temos um continente africano muito diverso internamente, muito heterogêneo, o nosso País também é. Herdamos de lá, obviamente, a negritude, a expressão, o ritmo, a música, muito dos alimentos, mas, também, herdamos da África um desafio que ainda está por ser vencido, que é de superar as barreiras que têm a ver com a educação, com a formação, com a capacidade de crítica, com a capacidade de transformação que a educação tem o compromisso de dar.

E nesse aspecto, falando pela Universidade Federal da Bahia, que é uma universidade que se antecipou a demandas, que antes estavam como prenúncios legais, no sentido de criar cotas para o acesso dos negros, isso lá na graduação, mas, agora, também fez aprovar as cotas para pós-graduação. O que significa dizer que quando queremos criar musculaturas e capacidade crítica para transformar o País em que vivemos, nós precisamos investir em educação. Mas vocês, os jovens que estão conosco, precisam aproveitar-se dessa oportunidade. Precisam ambicionar ocupar esses espaços e deles fazer, também, espaços de luta que vão muito além dos discursos. A informação é uma coisa que faz a gente se diferenciar dos demais. Então, tomem para si essas oportunidades que a educação e as universidades, não apenas a Universidade Federal da Bahia, mas também a Uneb, vêm ofertando em termos de vagas no interior da Bahia para que vocês tenham essa capacidade de transformação.

É importante dizer também que a Universidade tem um órgão chamado Ceao, o Centro de Estudos Afro-Orientais, que tem o compromisso de fazer continuados estudos que tratam sobre a interferência da África no sentido econômico, cultural, social e antropológico aqui no Brasil e que é uma fonte de consulta riquíssima. O nome da revista é Afro-Ásia, está no número 53 e é produzida desde 1965, sendo reconhecida internacionalmente como uma das principais fontes de consulta sobre essa relação África e Ásia e Brasil.

Gostaria de que ela se transformasse, além de referência, em fonte de consulta para vocês. Portanto, guardem este nome – Afro-Ásia –, porque é uma revista que,

nesse último número, tem sete artigos e cinco resenhas que darão uma visão muito mais rica sobre a realidade que cada um de nós aqui, a seu turno, trouxe para vocês, mas é muito aquém das relações que precisam ser estabelecidas entre o povo brasileiro e o africano.

Como eu também sou originário do IBGE, – lá estive por 35 anos –, é importante dizer, para enriquecer esta conversa, que a África tem mais ou menos 1 bilhão de habitantes. Lá cabem cinco Brasis em termos de população. Em termos de território, é, na verdade, a terceira maior área física, e, portanto, deveria ser também sinônimo, signo de poder. Poder econômico, poder social, poder político. Mas, como o deputado falou inicialmente, pareceu mesmo uma terra de ninguém.

Em 1884 – acreditem –, em uma conferência em Munique, na Alemanha, se decidiu que qualquer povo europeu poderia invadir a África e tomar como suas as pessoas e as riquezas. E assim o fizeram. Essa força só diminuiu um pouco depois da 2ª Guerra Mundial, mas Portugal, que nos colonizou inicialmente, foi o primeiro país europeu a levar isso muito a sério e ocupou uma parte importante da África e também ocupou o Brasil, como vocês bem sabem. Foi o primeiro a entrar e o último a sair da África, por volta de 1975, forçado por muitas guerras.

Então, a sanha de dominação, não só do povo africano que está na África, mas dos negros aqui no Brasil, não está extinta. Ela se mantém. E ela se mantém de diversas formas, não apenas por questões de natureza colonialista, mas quando você intimida, quando você faz o indivíduo não acreditar nele mesmo, quando faz ele pensar que é inferior ou imaginar que detém a pecha da inferioridade.

Este talvez seja o discurso – e talvez seja essa a estratégia – mais terrível que se pode infligir ao povo negro: fazê-lo acreditar que ele não tem valor e não pode ir mais longe, que é uma pessoa com uma qualidade ou uma característica social menos importante e valorizada. Se nós acreditarmos nisso, não vamos muito longe de verdade. Talvez a África tenha andado tão devagar em termos econômicos ao longo da sua história porque, em alguma medida, o povo africano acreditou, por seus colonizadores, que tinham menor valor.

Portanto, há 54 anos, quando se criou a Organização da Unidade Africana, foi esta mensagem que se quis dar: nós só seremos valorizados se nós, internamente, nos valorizarmos,. E, felizmente, estamos aqui na Bahia, hoje, levantando uma bandeira que não é tão nossa no sentido geográfico, mas é nossa do ponto de vista identitário, político, humano. Então, o Dia da África também é nosso dia por isto, porque é a memória que a gente precisa manter para que a gente faça diferente, evolua e mude a nossa história.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Neste momento, antes de passar a palavra ao próximo orador, quero registrar a presença de Raimundo Bujão, companheiro ativista dos movimentos negros do nosso Estado, (palmas) e – nunca disse isso, mas vou dizer – sempre foi, para todos nós, uma grande referência, pela perseverança e

pelo espírito de luta, mas, acima de tudo, pela honradez de ter compromisso com uma causa que não é pessoal, mas é coletiva, que é a nossa própria existência. Grande parceiro. (Palmas)

Quero, neste momento, conceder a palavra à secretária de Promoção da Igualdade do Estado da Bahia, a secretária Fabya Reis. Vou corrigir: a secretária fará o encerramento. Mas, já que a citei e estou tirando-lhe a palavra, não vou ser deselegante: vou convidá-la para homenagear a Escola Estadual Sete de Setembro, por meio do diretor Diógenes Ribeiro, aqui presente. Queria convidá-lo para que possamos ser fotografados aqui em cima.

Quero aproveitar, enquanto o diretor Diógenes não chega, para agradecer à Escola Sete de Setembro, uma escola que sempre esteve presente nos eventos desta Casa, que tem formulado o debate, a discussão e o combate ao racismo; que sempre esteve presente numa luta maior no nosso Subúrbio. Quero saudar a todos e a todas, professores, estudantes, dirigentes e também servidores – porque aquela casa tem uma irmandade muito forte também com os servidores da educação. (Palmas.)

(Procede à entrega da homenagem.)

Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Aproveito e convido a nossa major Aline para entregar também esta homenagem à Escola Municipal Cidade de Jequié, por meio da vice-diretora Cláudia Virgínia. (Palmas.)

(Procede à entrega da homenagem.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Convido a nossa grande colaboradora Maria de Totó – sempre a chamo assim –, que nos traz uma referência de ensinamento, para entregar também esta homenagem ao Colégio Estadual Nelson Mandela, por meio da professora Lucineide Santos. (Palmas.)

(Procede à entrega da homenagem.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Quero fazer uma correção: o Colégio Nelson Mandela também tem estado sempre presente nas nossas atividades, quero aproveitar para parabenizá-lo e agradecê-lo, assim como à Escola Municipal Cidade de Jequié, que também se faz presente. Como isso é importante para esta Casa. Esta Casa tem um trabalho, por meio da Escola do Legislativo, que recebe estudantes e professores em visita, uma forma de estreitar as distâncias e ampliar o relacionamento entre o Poder Legislativo e a formação educacional do nosso Estado.

Neste momento, quero convidar para... Bom, pessoal, é que aqui tivemos que fazer um sorteio, viu? Não teve brinde para todo mundo. (Risos) Eu quero neste exato momento convidar o professor Joilson Rodrigues para entregar uma homenagem à nossa professora Vanda, que também foi palestrante e abriu os trabalhos com sua contribuição. (Palmas)

(Entrega da homenagem.)

Como tudo é sorteio, mas este aqui será direcionado, eu quero pedir licença à toda Mesa para fazer o convite, exatamente para a entrega desta nossa honraria, a um estudante de qualquer uma dessas escolas que se habilite a levantar primeiro...

(Uma estudante na plateia se levanta.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Pronto, pode vir você mesma, aí, isso. (Palmas) (...) um convite para um estudante entregar essa honraria, como homenagem, à nossa secretária Fabya Reis. Quero dizer que a Secretaria de Promoção da Igualdade Racial do Estado da Bahia, sob a condução e representação da secretária Fabya Reis, tem produzido não apenas trabalho, mas ações significativas na consolidação de uma sociedade mais justa, mais igualitária. A Secretaria tem sido parceira de primeira mão em todas as ações desta Casa. (Palmas)

(Entrega da homenagem.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Juliana, da Escola Sete de Setembro, com o espírito de coletividade, disse: “Meu nome é Juliana Santos da Silva, mas eu represento todos os colegas e todas as colegas estudantes aqui presentes”. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Eu, neste momento, vou conceder a palavra à secretária Fabya Reis para que ela possa nos agradecer também com experiência, vivência, mas, acima de tudo, com um legado construído na história de luta. Fabya Reis é uma jovem que começou acreditando que era possível transformar a sociedade a partir da organização e da luta. E é num movimento significativo da sociedade brasileira, como uma das maiores referências de luta, que Fabya traz a experiência e que ora divide essa experiência e conhecimento com programas e ações no Estado da Bahia. Oriunda do Movimento Sem terra, do MST, forjada e formada na luta, mas com uma capacidade de gestão e de condução que nos referencia que é possível lutar e conquistar, mas acima de tudo é preciso estudar. (Palmas)

A Sr^a FABYA REIS:- Agô. Quero pedir, sem dúvida nenhuma, a bênção às mais velhas, em nome das nossas ebomis, Vanda Machado, Mãe Diana, ebomi Vanda Machado, Mãe Elenice, que está ali, e a todas as minhas mais velhas, a bênção. Também quero pedir a bênção a esses mais novos que na tarde de hoje puderam nos encher de inspirações e redirecionar todas as nossas falas e o nosso discurso, a minha também. A partir do que a gente pôde ouvir e olhar nas expressões de vocês. Então, quero pedir a vocês, a quem a gente confere toda a vitalidade de continuidade das nossas lutas, das nossas resistências e das nossas conquistas, a bênção meus irmãos e irmãs mais novas.

Quero aqui saudar e agradecer ao deputado Bira Corôa que nos possibilitou, sem dúvida alguma, essa tarde deste grande encontro. Um encontro entre os mais velhos, entre os mais novos, o encontro também para que a gente pudesse falar das nossas dívidas com a história de África, dívida com a história dos afrodescendentes do Planeta, não só os descendentes afro-brasileiros, mas todos os afrodescendentes, pelo papel que teve a África na construção da humanidade.

Então, como nos antecedeu aqui o representante da UFBA, professor Joilson Rodrigues, a quem também cumprimento pela sua fala, que conferiu um conjunto de informações a todos nós e também a essa juventude. Dizer que lá naquele momento, quando a gente pôde conferir uma data que fazia referência a uma marcação da necessidade de construção de liberdade e que, hoje, a gente reedita, porque a gente continua persistindo para que as nossas liberdades possam cada vez mais ser consolidadas e ampliadas.

Quero, também, aqui, já fazer a saudação solene a toda a Mesa. Já saudei o professor Joilson. Saudar, também, a nossa vereadora da cidade do Salvador Marta Rodrigues, que tem feito um trabalho extraordinário em problematizar e trazer os projetos que possam incluir uma cidade democrática, uma cidade da diversidade e que possa, também, pensar a nossa cidade do Salvador para a nossa juventude de negros e negras, que em grande medida não está contemplada nos grandes projetos institucionais. O seu trabalho também nos representa pela relevância das suas construções.

Saudar, também, a nossa Major Aline, essa mulher negra que tem nos representado à frente do Colégio Militar da Bahia, através da referência que ela trouxe aqui. Quero dizer que nós temos uma grande companheira que a gente sempre gosta de referenciar, também, a major Denise. Cada vez que as mulheres conseguem, numa instituição, alcançar seus estágios para dar sua contribuição, a gente também se sente muito orgulhosa nesta tarde de hoje.

Saudar nossa palestrante, que nos catapultou para uma viagem de como a gente pode, de maneira muito simples e conectando aquilo que são desafios, pensar, entendo eu, muito humildemente, o que é o nosso lugar no mundo. Então essas perguntas ela fez: “Qual o nosso lugar no mundo?”; “Como a gente conversa com o nosso passado?”; “Como a gente se localiza?”. Nos perguntando “Qual é a minha missão de futuro?”, para que eu possa responder. E as escolhas nem sempre são fáceis, mas a gente vai falar um pouquinho disso também. Dizer da sua força, da sua referência, professora Vanda Machado, nossa ebomi. É sempre bom ouvi-la, porque a senhora tem essa capacidade de suscitar em nós a reflexão, para que possamos pensar sempre para frente e de maneira também coletiva.

Quero saudar o nosso gestor da Coordenação de Acompanhamento de Egressos, que é também um militante ativista do movimento negro, precisa ser referenciado. Você tem sido o interlocutor, a sua trajetória, como a de muitos aqui desta Mesa, é também fonte de inspiração, porque somos jovens de periferias, jovens que vêm e que hoje podem ser: “eu sou um psicólogo que está com um desafio imenso de fazer o diálogo da construção de uma política pública”. A nossa saudação.

Mãe Diana, aqui, mais uma vez, cumprimento-a pela sua garra e a sua contribuição na comunidade. Os terreiros, sim, são casas de acolhimento, são casas de ensinamento, são casas de serviço de prestação social e também de continuidade do nosso legado ancestral e da nossa história africana.

Quero cumprimentar, por fim, mas não menos importante, a nossa querida, que é também uma fonte de inspiração, nossa advogada, filósofa, que trouxe aqui a referência dos povos tradicionais dos quilombolas, Maria de Totó, que tem feito contribuições ao Terreiro do Iguape.

Eu peço mais uns 3 minutinhos para que eu possa, de fato, dizer sobre o lugar de fala. O nosso deputado fez uma referência a como foi a nossa história para que hoje eu pudesse estar na condição de titular da Secretaria de Promoção da Igualdade Racial, a Sepromi. Essa Secretaria existe porque, como bem disse aqui a professora Vanda Machado, foi fruto de uma coletividade, de uma reivindicação do movimento

negro, para que o Estado brasileiro pudesse enfrentar aquilo que reconheceu: nós somos, infelizmente, uma sociedade racista – infelizmente somos uma sociedade racista. E como é que o racismo se expressa, portanto, no nosso País? Ele se expressa das diversas maneiras já colocadas pelos que me antecederam: negar oportunidades e acessos a espaços; dizer que nós não podemos; dizer que somos inferiores, porque a ideologia do racismo quer dizer que existe seres humanos superiores a outros, e uma condição dessa superioridade seria a cor da pele, a raça.

Portanto o que nós queremos hoje, na condição de Secretaria de Promoção da Igualdade Racial, é combater, junto com a coletividade da sociedade, ideologias dessa natureza, que tem uma repercussão objetiva em nossas vidas. Quando a gente vai observar o número de estudantes e de jovens negros nas universidades, temos o programa das cotas, que também é uma conquista das coletividades, aí é importante evidenciar: isso é uma conquista que precisa ser defendida.

A Sepromi também faz um enfrentamento à intolerância religiosa junto com as coletividades dos movimentos sociais. Por quê? Porque querem dizer que uma religião é também superior a outra, e nós não podemos aceitar, porque cada indivíduo tem garantido o direito da sua profissão de fé, e nós temos que nos respeitar na nossa diferença.

Então a missão da Sepromi também é cuidar das políticas para o que a nossa companheira Maria de Totó falou aqui: os povos tradicionais. Quem são esses povos tradicionais? São os indígenas, são os povos de terreiro, são os quilombolas, as marisqueiras, os pescadores, são os povos ciganos, gente que constrói a nossa terra, a nossa Bahia, o nosso Brasil e que merece respeito. Então eu falo de um lugar hoje porque uma coletividade lutou, porque uma coletividade acreditou que era possível vencer o racismo. E essa coletividade acreditou que era possível superar o racismo da construção histórica do Estado brasileiro para que a gente tivesse conquistas. Então a Sepromi é uma conquista da sociedade, do movimento negro.

A sensibilidade de uma quadra histórica do Estado brasileiro permitiu que a gente pudesse estar aqui, e o nosso compromisso, portanto, tem que ser o maior desses diálogos – diálogo com a sociedade civil, diálogo com o conjunto dos Poderes, Ministério Público, Tribunal de Justiça, Assembleia Legislativa do Estado da Bahia. Hoje, nesse dia de reconhecimento, podemos dizer que o nosso papel é cada vez mais dialogar com essa juventude, que é quem vai dar continuidade, com toda a força da nossa resistência.

Portanto, a gente quer dizer aqui, deputado, que o dia de hoje, em que celebramos o Dia de África, que foi no dia 25 de maio, integra um calendário de lutas que foi referenciado: o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa, 21 de janeiro; o Dia Internacional de Luta pela Eliminação da Discriminação Racial, 21 de março; o Dia de África, 25 de maio; assim como o dia 20 de novembro; e um conjunto de outros calendários importantes para que a gente possa ajudar a pensar a nossa história e escolher o nosso lugar no mundo.

Então acho que a tarde de hoje é para que o conjunto dessas informações que foram compartilhadas possa fazer parte do nosso processo de formação. Informação

passa; e a formação – aquilo que é o elemento que a gente vai pegar – é o que vai fazer com que a gente possa, na hora das decisões, fazer as escolhas certas.

Eu, que venho da trajetória do MST, da luta pela terra, que em 1850 foi transformada em mercadoria, preciso entender o impacto que isso teve na vida da população brasileira. A gente precisa entender que relação isso tem com o território dos povos tradicionais, com a reprodução do racismo, com as nossas oportunidades de acesso a bens de serviço e com o nosso lugar no mundo.

Essas são pistas que a gente vai buscar no nosso passado histórico – não é isso, Bujão? –, na Revolta dos Búzios, na Revolta dos Malês, para que a gente vá se apropriando e construindo aquilo que a gente chama de “nossa identidade do povo”, fazendo referência e enaltecendo a história do nosso povo brasileiro, dos afrodescendentes, que dialoga com a nossa formação, com aqueles que nos antecederam na história, na culinária, na música, mas também na produção do conhecimento que faz este País ir para a frente.

Para não me delongar mais, quero dizer que vocês são, para nós, uma referência de resistência, uma referência de continuidade, quem nos motiva a continuar a nossa tarefa de institucionalidade.

O nosso governador, que enviou a gente aqui para trazer seu abraço, tem tido uma preocupação para que a gente avance nos programas que beneficiem e foquem a juventude. Temos o Primeiro Emprego, para alunos que saíram das escolas de cursos técnicos do Ensino Médio. Nós temos o Mais Futuro, que é um programa de bolsa para os alunos que estão fora da sede das próprias escolas, das universidades, o qual assegura a sua permanência. Temos também o programa de estágio – que foi redimensionado para que a gente possa acolher os nossos estudantes – e um conjunto de outros programas como os que foram citados pelas pessoas que nos antecederam.

Então, convidamos vocês para, cada vez mais, compartilharem conosco a história do nosso povo de África, o que isso tem a ver, para que possamos fazer as nossas escolhas sobre o que queremos ser no mundo.

Muito obrigada pela atenção de todos e de todas. Quero parabenizar o deputado, os que me antecederam, e me ensinaram, aqui. Quero pedir uma salva de palmas especial para o Colégio Estadual Sete de Setembro, para o Colégio Estadual Nelson Mandela e para a Escola Municipal Cidade de Jequié.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Eu quero fazer apenas uma pequena correção. Quero registrar a presença de Leila, que representa um dos segmentos importantes da identidade do campo: o vaqueiro. Leila coordena, junto ao Circuito Baiano de Cavalgada, a Cavalgada de São Francisco do Conde, que será realizada no dia 2 de julho, na cidade de São Francisco do Conde. Ela estava presente durante todo o tempo, mas eu não registrei a sua presença. Por isso, peço desculpas. (Palmas.)

Antes de encerrarmos e participarmos de um breve coquetel, quero convidar, para concluir os nossos trabalhos e consequentemente nos abrilhantar com mais uma peça importante, o nosso coreógrafo Américo, com o toque dos alabês.

(Apresentação de Américo Egídio.) (Palmas)

O Sr. Américo Egídio:- Muito obrigado a todos.

Sou Américo, de São Cristóvão. É só um pequeno lembrete: falar de África nas nossas escolas está sendo difícil, porque, infelizmente, precisamos de objetos que fazem parte do fundamento da nossa cultura afro-brasileira. Sempre digo que vou pegar um pau de vassoura, pegar uma lata e fazer um berimbau. Eu quero a biriba; eu quero a cabaça que tem o fundamento espiritual.

Peço licença aos mais velhos, em primeiro lugar, para dizer que a nossa cultura ainda é uma luta. Eu quero os meus búzios; eu quero os meus guizos; eu quero as minhas cabaças e as minhas biribas nas nossas escolas, para que possamos passar para os nossos alunos que há uma fundamentação muito forte ali. Eu não quero reciclar. O secretário chega lá e diz: “Vamos economizar. ” Vamos economizar, sim, mas vamos manter as nossas raízes; vamos colocar os nossos pés no chão.

Agradeço à minha escola e a todas as escolas que lutam para trazer, para mostrar a essas crianças que temos que preservar a nossa cultura; temos que preservar a nossa capoeira, o nosso samba. Os adolescentes estão se perdendo porque desconhecem a sua identidade. Ele ainda não teve a concepção de que a cultura dele está ali, mas ele está indo muito além de outras coisas que não fazem parte da sua identidade. E nós temos que mostrar isso para eles e falar para os nossos grandes deputados, os vereadores, os nossos secretários que não brincamos de cultura; nós fazemos cultura.

Muito obrigado. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Nós é que agradecemos, Américo. É exatamente por fazer cultura que o povo baiano sobrevive e que o povo brasileiro conseguiu chegar aonde chegamos com a identidade, com a disposição, a força da luta, mas, acima de tudo com a sabedoria de fazer o momento e de celebrar. E é pelo ensinamento do nosso povo que hoje estamos também celebrando uma data importante para a Mãe África, mas mais importante ainda para o Brasil e para o mundo, porque, se não fosse a Mãe África, sem dúvida alguma, o mundo não teria a diversidade, o mundo não teria a musicalidade, a variedade dos ritmos, e também não teria vivenciado segmentos da cultura tão abrangentes como os que vivenciamos hoje.

Além disso, o conhecimento da humanidade não estaria tão forjado nos primórdios da vivência humana quanto o que temos hoje. No dia de hoje, celebramos o 25 de Maio, mas também celebramos a existência nossa, afro-baiana, nossa, afro-brasileira, e, acima de tudo, celebramos a memória de homens e mulheres que doaram vida, trabalho e, como digo sempre, suor, lágrimas e sangue para que hoje, na Bahia e no Brasil, negros, como eu e todos e todas aqui, como já foi referido, pudessem, do lugar em que estão e das suas falas, autoafirmar-se pelo espaço conquistado.

Não tenho dúvida alguma de que essa juventude que aqui está tem oportunidade ímpar na sua história de vida, e é, exatamente, pautando-se nas experiências vividas pelos nossos ancestrais, apropriando-se dos ensinamentos e dedicando-se, cada vez mais, a ampliar os seus conhecimentos, que nós, de fato, teremos uma Bahia e um Brasil livre das amarras e livre das perseguições. De fato, liberta, uma palavra originária da escravidão, mas também do direito conquistado de acesso e de cidadania como brasileiros e brasileiras.

Então, o dia de hoje é muito especial para este Poder.

Vou encerrar esta sessão agradecendo a presença de todos e de todas e, em especial, a esta Mesa aqui representada, a todos e todas que tiveram o privilégio de ter a fala neste momento, mas quero pedir mais uma vez licença para agradecer aos educadores e aos educandos, que fizeram desta sessão especial uma sessão realmente especial.

Muito obrigado a todos e a todas.

Quero convidar a todos e a todas para um coquetel no salão ao lado.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-parlamentar/sessoes-plenarias.php>. Acesse e leia-as na íntegra.